

Realização:
Centro de Letras e Artes - CLA

Apoio:
Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ

Decano do CLA
Prof.^a Maria José Chevitarese

Coordenador de Pós Graduação - CLA
Luis Paulo da Moita Lopes

Neste Número

Editor Chefe:
Carlos Alberto Sepúlveda Alves

Editor Executivo:
Rogério Medeiros

Conselho Editorial
Angela Ancora da Luz
Berta Ribeiro
Carlos Zilio
Lygia Pape
Cybele Vidal N. Fernandes
Guilherme Sras Barbosa
Helenise Monteiro Guimarães
Liana Silveira
Lygia Pappé
Maria Luiza Luz Távora
Myriam Anbrade R. Oliveira
Paulo Houayeck
Rogério Medeiros
Rosza vel Zoladz
Sônia Gomes Pereira

Secretaria Editorial
André Victorino Garcez
Hilda Regina V. Senna Martins
Maria Macedo Barroso

Seguindo a orientação dos Diretores Adjuntos de Pós-Graduação e Coordenadores de Mestrados do CLA, visando a implantação de **"Interfaces"**, este número inaugural conta exclusivamente com a colaboração dos professores do Mestrado em História da Arte da Escola de Belas Artes

Publicado sob a responsabilidade da Coordenação de Integração Acadêmica de Pós-Graduação do CLA-UFRJ e realização do Centro de Letras e Artes

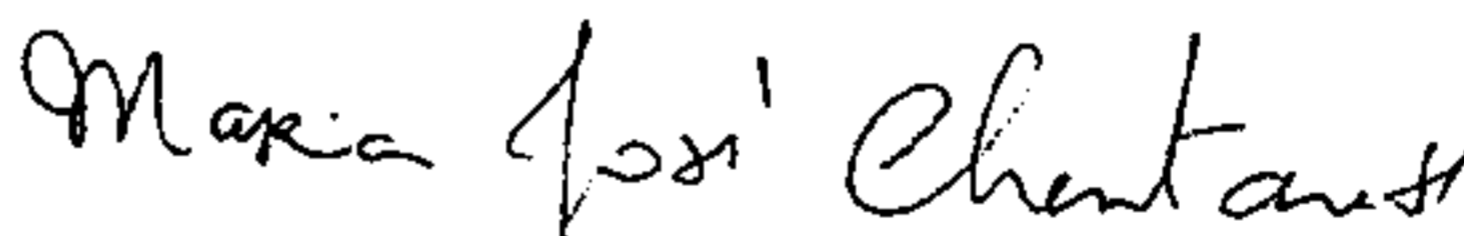
revista **interfaces**

Em janeiro de 1994, ao assumir a Decania do Centro de Letras e Artes, trouxe comigo uma série de projetos que têm como objetivo impulsionar nossas Unidades, levando nosso Centro a um crescimento e aprimoramento.

Dentre estes projetos estava o da criação de uma revista capaz de congregiar trabalhos produzidos por nossos professores.

O Centro de Letras e Artes é um Centro onde a técnica e o talento, a teoria e a prática, a pesquisa e o fazer artístico caminham lado a lado; não é possível no "FAZER", ao nível e qualidade oferecidos por nossos profissionais, desvincular de um processo de pesquisa e reflexão. Fazia-se portanto necessária a criação de uma revista onde publicássemos o resultado destas reflexões, destes trabalhos que a tantos anos vêm sendo desenvolvidos por nossos docentes.

Assim surgiu a "INTERFACES", uma revista com periodicidade trimestral, que vem portanto cumprir a importante missão de contribuir, junto à comunidade acadêmica, na discussão de temas atuais e relevantes, levantando questionamentos, instigando a investigação e promovendo reflexão.



Maria José Chevitarese
Decano do Centro de Letras e Artes

A MINERVA E A CORUJA

Não parece mais haver "reserva de mercado" na construção de novos conhecimentos. Ao contrário, cada vez mais novos territórios disciplinarmente demarcados vão diluindo suas especificidades e o que se espera obter são mais e mais perguntas do que respostas. A reflexão verdadeiramente instigante neste fim de século não tem a ver com possíveis respostas, mas com formulação de problemas.

Justamente pelas razões acima elencadas é que os saberes das Letras e das Artes parecem ser o horizonte do conhecimento possível para empreender o desafio de viver a Modernidade de maneira generosa e solidária.

O poeta Hölderlin exclamava, mais de um século atrás, do fundo de sua estupefação, que o homem quando sonha é um deus, quando pensa é um mendigo. Clamava, mais do que exclamava, pela urgência da tolerância e compreensão entre os homens, compreendendo, como os poetas costumam compreender, que a humanidade do homem é, acima de tudo, cuidado de si.

Vimos construindo, nós - ocidentais - nesses últimos duzentos anos, um processo civilizatório diverso de tudo o que se viu antes, diverso e descontínuo. Até o século XVIII, a interioridade, as figuras da consciência, os valores da intimidade do homem, reconhecidos ou não, eram as bases de toda *Paidea*. Educar, civilizar, conviver dependiam do cultivo da paisagem interior, do cuidado do mundo-dentro.

O corte da modernidade industrial, já antecipado na morte de Sócrates, fez com que os valores civilizatórios se voltassem para a exterioridade, para o mundo objetivo das coisas, cindindo, quase irremediavelmente, os territórios do SER e do TER.

Foi então que muitos de nós reconhecemos o mundo como um estrangeiro estranha a terra incógnita.

A sociedade ocidental moderna não consegue sequer saber se é uma sociedade, não se reconhece mais no outro, parece ter perdido a qualidade da "vizinhança".

No entanto, freqüentemente nos esquecemos de que todo fim é começo e que todo apogeu já é decadência. Já se podem reconhecer no horizonte vital dessa modernidade mais recente os ecos de uma possível *metamorfose*, como nos alerta Manuel Antonio de Castro.

Essa *nova Paidea* poderá significar um retorno ao SER, por absoluto esgotamento do TER, poderá significar uma revalorização da vida com o pensamento, um mergulho na subjetividade não mais construída solitariamente, pelo desespero e pelo abandono, mas pelas convivências partilhadas entre sujeitos generosos e plenos de compaixão.

Por acreditar nessa utopia sem partidos, o **Centro de Letras e Artes da UFRJ**, com a publicação da Revista *Interfaces*, abre caminho para aqueles que acreditam na reconstrução do homem pela via da sensibilidade, da fraternidade e, sobretudo, da esperança.

CARLOS SEPÚLVEDA

Professor - adjunto de Literatura Brasileira

Vice-Decano do CLA

Assessor da Reitoria

interfaces^{revista}

Índice

A MINERVA E A CORUJA Carlos Sepúlveda	5
A HISTÓRIA DA ARTE CONTEMPORÂNEA DE RENATO DE FUSCO - ALGUMAS QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS Angela Ancora da Luz	9
ACHEGAS À DEFINIÇÃO DE ARTE INDÍGENA Berta G. Ribeiro	21
DA CATEQUESE AO REGALISMO - A CRISE ENTRE A IGREJA E O ESTADO NO SÉCULO XIX NO BRASIL. Cybele Vidal Neto Fernandes	33
MESA-REDONDA PÚBLICA”(1) : IDÉIAS SOBRE A GRAVURA BRASILEIRA - 1957/58 Maria Luiza Luz Távora	41
DO “ROCAILLE” FRANCÊS AO ROCOCÓ RELIGIOSO BRASILEIRO Myriam A. Ribeiro de Oliveira	55
O FAZER ARTÍSTICO: DIMENSÕES ETNOGRÁFICAS Rosza W. Vel Zoladz	63
MUDANÇA E PERMANÊNCIA NO URBANISMO E NA ARQUITETURA: O RIO DE JANEIRO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX Sonia Gomes Pereira	69
REFLEXÕES SOBRE AS FORMAS DE REPRESENTAÇÃO DA MODERNIDADE Rogério Medeiros	83
CARNAVALESÇOS DAS ESCOLAS DE SAMBA CARIOCAS - ORIGEM, RESISTÊNCIA E AFIRMAÇÃO DE UM PROFISSIONAL. Helenise Monteiro Guimarães	91